

SANTIAGO PAJARES

O giro da hélice

TRADUÇÃO

Joana Angélica d'Avila Melo

ALFAGUARA



Copyright © 2014 by Santiago Pajares

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
El paso de la hélice

Capa
Estúdio Insólito

Preparação
Brena O'Dwyer

Revisão
Adriana Bairrada
Luciane Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Pajares, Santiago, 1979-
O giro da hélice / Santiago Pajares; tradução Joana Angélica d'Ávila Melo. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfabuara, 2018.

Título original: El paso de la hélice
ISBN: 978-85-5652-060-9

1. Ficção espanhola 1. Título.

17-11982

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhidasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

*Aos meus pais,
por tudo o que resta*

1. Lisboa

David esperava sozinho à mesa do restaurante havia tanto tempo que estava começando a ficar irritado. Rodeado de casais que protagonizavam cenas românticas, dedicava-se a mexer no celular e a beber em pequenos goles um vinho branco. Tinha ligado para Leo Baela três vezes, sem sucesso, e as contínuas visitas do maître perguntando por seu acompanhante estavam lhe dando nos nervos.

— Ainda não chegou — respondia David, como se isso não fosse óbvio.

— Esperamos um pouco mais?

O maître falava um castelhano perfeito, com leve sotaque.

— Sim, esperamos um pouco mais.

David sabia que havia clientes cobiçando aquela mesa e que o maître adoraria que ele fosse embora, mas não podia fazer nada além de esperar.

Tinha vindo de Madri até Lisboa só para jantar com um de seus autores, e ele não aparecia nem atendia ao telefone. Leo Baela podia não ser o escritor mais formal do mundo, mas isso já era demais. David resolveu esperar mais quinze minutos. Olhou o caderno verde no qual havia feito anotações sobre o romance de Leo. Deixou o telefone ali e tomou outro gole de vinho branco. O restaurante era especializado em frutos do mar e ele havia feito a reserva na véspera. A editora pagava a conta.

Dez minutos depois, o telefone tocou e muitos dos clientes se voltaram para olhá-lo em sinal de recriminação.

— David!

— Leo, onde você está? Estou esperando há mais de quarenta minutos! — Havia prometido a si mesmo que não deixaria transparecer a raiva, mas não estava conseguindo.

— Estou em uma festa!
— Como assim, em uma festa? Onde?
— No apartamento do amigo de um amigo.
— Um amigo de um amigo? Ou seja, você não sabe onde está?
— Claro que sei. Vou mandar o endereço para você agora mesmo.
— Para quê?
— Para você vir pra cá, e enquanto isso eu resolvo uma coisa.
Depois vamos jantar, eu e você, tranquilos.

— Jantar? Onde?
— David, estamos em Lisboa! Tem milhares de restaurantes! Vou ficar esperando você para sairmos, o.k.?

David não sabia o que dizer. Tentou pensar depressa, imaginar um jeito de fazê-lo mudar de ideia.

— Tínhamos uma mesa reservada. Já estou sentado.
— David, eu te mando o endereço e nos vemos daqui a pouco, pode ser? Venha! Até mais!

E desligou. David ficou falando sozinho. Leo não tinha dado nenhuma chance. Nem sequer tinha se desculpado. David colocou de novo o telefone sobre o caderno verde, que por enquanto continuaria fechado. Segundos depois, o aparelho vibrou com a chegada de uma mensagem. O endereço da festa.

David respirou fundo e levantou o braço. O maître se aproximou.

— A conta, por favor.
— Seu companheiro não vem?

David estranhou que ele não usasse a palavra acompanhante e pensou se sua discussão telefônica com Leo teria soado como uma briguinha de namorados.

— Não, não vem.
— Ah...

Isso era demais.

— Nada de ahhhh, e traga a conta, por favor.

Colocou o paletó e foi embora.

Na porta do restaurante, começou a procurar um táxi. Foi até a esquina para ver se passava algum. Poderia entrar novamente no restaurante e pedir ao maître que chamasse um, mas não queria fazer isso. Havia saído sem deixar gorjeta.

Vislumbrou um táxi preto com teto verde-jade e levantou o braço. O motorista não compreendia espanhol, e o único português que David sabia era o que tinha lido nas caixinhas de cereal. O sujeito fez uma cara esquisita quando David leu o endereço. Por fim, David mostrou o celular ao motorista, que digitou o endereço no GPS. David não pôde deixar de se perguntar onde Leo estava, se nem os taxistas conheciam o lugar.

— Eh... pode me devolver o celular...? Obrigado.

O motorista sinalizou que o carro estava ocupado e arrancou. David escolhera um restaurante no bairro de Belém justamente porque ficava perto da casa de Leo. Enquanto o táxi entrava pela via do porto, ele repassou o motivo de sua viagem.

Leo Baela era um dos autores da editora Khoan. David lhe dedicava atenção especial porque com ele estreara como editor, há sete anos. Tinha passado dois meses com Leo, lado a lado, editando seu manuscrito, corrigindo os pontos fracos e explorando os fortes. *Deus de outono* foi um romance de bastante sucesso. Embora tivessem começado com uma tiragem de cinco mil exemplares, as recomendações dos leitores e a campanha de marketing funcionaram a tal ponto que, dois meses depois, tiveram de fazer uma segunda tiragem, e no mês seguinte uma terceira. Quando chegou a feira de Frankfurt, o agente literário vendeu os direitos de tradução para onze países em três continentes. Isso permitiu que Leo abandonasse seu emprego como contador em uma fábrica de sapatos para se dedicar apenas à escrita. Quis a tal ponto romper com sua vida anterior que resolveu mudar para Lisboa a fim de escrever seu segundo romance; e o que parecia ser um período de poucos meses na capital portuguesa acabou se transformando, depois que ele conheceu sua agora companheira Inês, em residência permanente. Leo alugou uma casa de dois andares com vigas aparentes e um jardim descuidado. Se você se debruçasse em uma das janelas, podia ver ao longe aquele castelo em miniatura que era a Torre de Belém. Ali, longe de David e de seus conselhos, dedicou-se a escrever *Nunca chove no norte*, seu segundo romance. As duas primeiras tiragens venderam com alguma rapidez, mas o livro estacionou. O boca a boca não funcionou como antes, e as críticas foram mornas, em comparação com as recebidas pelo romance de

estreia. O agente vendeu o romance para três países, todos da Europa. David, pela experiência no mercado editorial, sabia que essas coisas eram comuns, às vezes um livro, mesmo sendo bom, não funcionava, não se conectava com os leitores. Sabia que *Nunca chove no norte* não tinha a magia de *Deus de outono*, aquele frescor dos autores estreantes que compensam a inexperiência com muito ímpeto e artifícios. Mas às vezes os escritores colocavam tanto de si mesmos e de sua própria vida no primeiro romance que, quando se dispunham a escrever o segundo, sentiam-se vazios. Era então que as dúvidas, os medos e a insegurança podiam atormentar um escritor que, em seu terceiro livro, se via obrigado a avançar em uma carreira que podia não ter muito futuro. David não era escritor, mas desde os vinte e oito anos trabalhava na editora e tinha tido contato com dezenas de autores. Se havia aprendido algo, era que escritores podiam se mostrar muito frágeis em certas ocasiões, e o trabalho do editor era ajudá-los sem pressionar demais. Ao fim e ao cabo, o que importava não era o número de leitores. Eram os livros. Eram os escritores. E muitos deles, no início, não tinham consciência de como a carreira literária podia ser sinuosa e cheia de ciladas.

Os leitores são exigentes e melindrosos. Se um autor novo os deslumbra, serão fiéis a ele em um próximo romance, mas, se o segundo não for bom, é muito provável que essa fidelidade desapareça com o terceiro. Então o autor pode afundar num mar de dúvidas, e é tarefa do editor lançar-lhe uma boia salva-vidas em meio à tempestade.

Há quatro meses David esperava o quinto capítulo. Leo demorava a responder às mensagens e nem sempre atendia ao telefone, de modo que ele se viu obrigado a visitá-lo para investigar o que estava acontecendo. Preferia ter ficado em casa com sua esposa, Silvia, saindo para jantar ou assistindo a um filme. Em vez disso, estava sozinho em Lisboa, percorrendo a zona portuária. Avistou do outro lado da baía a estátua do Cristo Rei de Almada, em meio à bruma criada na confluência entre o rio Tejo e o oceano Atlântico, e sentiu que, naquela noite, precisaria de um pouco da ajuda dele.

David passava a mão no assento de couro sintético quando o táxi abandonou a via do porto e entrou por ruelas estreitas. Não entendia o que o motorista dizia, mas, pelos gestos compreendeu que aquele não

era um bairro bom. Na praça Martim Moniz, o homem parou e deu a entender que a corrida havia terminado. David não sabia se aquele era o lugar ou se o taxista não estava disposto a adentrar mais naquele bairro. Pagou e desceu. Atravessou a praça, procurando alguém com quem se informar. Encontrou um casal jovem e mostrou o endereço. Embora não falassem o mesmo idioma, indicaram-lhe a direção com sinais e assim, saltando de casal em casal, dez minutos depois ele acabou diante da porta de uma casa de três andares revestida de azulejos descascados. Ouvia-se música vinda do terceiro andar. David ligou mais uma vez para Leo, que não atendeu. Chateado ao perceber o rumo que a noite estava tomando, uma noite que havia previsto como tranquila, David tocou o interfone. Sem dizer uma palavra, alguém abriu. Ele subiu uma escada estreita até o último andar. A porta estava entreaberta. Ele entrou em meio a um estrondo de música eletrônica e uma maré de gente que lotava os quartos e corredores do que parecia um duplex. Uma mulher de cabelo volumoso e muitos colares se atirou em cima dele.

— Olá!

Deu-lhe um beijo no rosto, disse algo que David não compreendeu e avançou pelo corredor. David achou que ela o tinha confundido com outra pessoa. Sem dúvida, ele estava confuso.

Tentou distinguir a cabeça de Leo ou a da namorada dele, Inês. Ligou de novo para o celular, mas Leo continuava sem atender. Algumas pessoas lhe ofereceram uma lata de cerveja, que David recusou com um movimento de cabeça. Um homem baixo, com uma camiseta sem mangas, tocou-lhe o ombro e perguntou, em perfeito castelhano:

— Uma chupada, bonito?

David ficou sem palavras. Por fim, respondeu:

— Agora não. Depois a gente vê...

O homem sorriu, deu de ombros e também desapareceu pelo corredor.

David se plantou em um canto e continuou a procurar Leo entre os presentes. Muitos o encaravam, perguntando-se o que fazia ali. David começava a se sentir como nas festas da faculdade. Por fim, viu Leo sair de um quarto. Discutia com uma mulher. Os dois gesticulavam muito e falavam mais alto que a música. Embora chateado,

David esperou que a discussão terminasse. Precisava admitir que aquela era uma mulher que qualquer um gostaria de ter por perto, mesmo que fosse para discutir. Ao lado dela, Leo, com camisa escura e cabelo revoltado, parecia um triste candidato ao posto de companhia. Uma música famosa do Depeche Mode, que David lembrava de já ter dançado quando era mais jovem, começou a tocar. Certas coisas não mudavam nunca.

David não entendia o que os dois diziam, mas a mulher gritava na cara de Leo e tentou dar um soco no rosto dele, e o escritor só conseguiu desviar parcialmente do golpe. Pareceu que ela ia tentar de novo, mas se limitou a gritar mais e a voltar para o quarto. Leo começou a segui-la, mas se deteve, pensativo, sacudiu a fúria com um gesto e afastou-se caminhando pelo corredor, esquivando-se dos outros convidados. David foi ao seu encontro. Quando o alcançou, alguém tinha oferecido a Leo uma cerveja que ele havia aberto e que bebia com avidez.

David tocou o ombro de Leo e ele se virou. Arregalou os olhos, surpreso, como se não esperasse encontrá-lo ali.

— David! Quando chegou? Eu estava te esperando!

Leo passou a mão pelo rosto, no ponto atingido pelo soco da mulher. David ficou confuso, como se de alguma forma Leo desse a entender que a culpa pelo atraso fosse dele.

— Faz um tempinho. Liguei duas vezes para você.

— Bom, não dá para ouvir nada com essa música.

— Terminou? — perguntou David.

— O quê?

David demorou a responder.

— Sua coisa.

— Que coisa?

— Quando eu estava no restaurante, você me telefonou e disse que precisava resolver uma coisa...

Leo ficou olhando para ele um instante, em silêncio. Tomou um longo gole da cerveja. David percebeu que ele suava profusamente e tinha as pupilas dilatadas.

— Sim, bom... sei lá. Sim, acho que sim.

— E então? Vamos para um lugar mais tranquilo?

— Vamos, claro! Aqui não dá para conversar.

Leo o pegou pelo braço e o conduziu até a porta. No caminho, acenou para um sujeito que parecia ser o dono da casa indicando que estava de saída.

— Você não trouxe nenhum casaco? Lá fora está meio frio.

— Ih, não, não trouxe nada.

Desceram a escada e enveredaram pela rua de pedras, caminhando sem rumo.

— A poucas ruas daqui tem um bar que talvez continue aberto — disse Leo.

— A gente não ia jantar?

— Ia?

— Você já jantou, Leo?

— Bem, mais ou menos.

David se deteve e o enfrentou.

— Você tomou alguma coisa na festa?

— Tomou alguma coisa... Era uma festa!

— Quer que eu chame Inês para vir buscar você, e deixamos nosso encontro para amanhã?

Enquanto dizia isso, David se lembrou de que sua passagem de volta a Madri estava marcada para o dia seguinte.

— Não, ela não vai gostar nem um pouco disso.

E Leo riu baixinho. Não era um riso saudável, parecia que um som áspero saía zumbindo de sua garganta.

— Ela sabe que você veio para essa festa?

— David, Inês não quer saber mais de mim.

Leo continuou caminhando pelas ruas. Ali, pela primeira vez, David tomou consciência de como estava difícil, para Leo, continuar de pé.

Então passou um braço pela cintura do escritor e o ajudou a caminhar. Batia uma brisa suave e, embora um tanto fria, David confiava que isso ajudaria a despertá-lo um pouco. Caminharam um tempinho, procurando em vão um táxi, e acabaram na praça Martim Moniz, onde o outro motorista havia deixado o editor. David ajudou Leo a se sentar na borda de uma fonte e se aproximou da rua para esperar algum táxi. Não era possível que não passasse nenhum em uma praça tão grande.

Vislumbrou um carro ao longe, mas, quando levantou o braço, viu Leo vomitando na água da fonte. David segurou a cabeça do escritor enquanto o ruído do chapinhar se estendia pela praça. Quando terminou, Leo parecia melhor. Estava pálido e com o rosto molhado de suor. David olhou o conteúdo diluído na água e não encontrou quase nada sólido. Leo olhou para ele e sorriu como uma criança que fez os deveres de casa.

— Desculpe, David.

— Não tem problema.

— Tem, sim, desculpe.

Quando Leo se recuperou, foram juntos procurar um táxi. Poucos minutos depois apareceu um, desta vez de cor bege. Leo informou ao motorista, em português perfeito, o endereço da sua casa. O motorista deve ter perguntado se ele tinha dinheiro, porque Leo lhe mostrou o conteúdo de sua carteira.

Depois de circularem alguns minutos pelas ruelas, voltaram à rua do porto, desta vez na direção contrária, e com Leo de acompanhante. Isso era tudo que David tinha conseguido até aquele momento.

Leo havia baixado um pouco o vidro e deixava que o ar lhe batesse no rosto e desarrumasse o cabelo emplastrado de suor. David temia que ele se resfriasse e o cobriu com seu paletó.

— Não mandei o quinto capítulo para você — disse Leo, por fim.

— Não, não mandou.

— Ainda não escrevi.

— É por causa daquela mulher? A da festa?

Leo assentiu com a cabeça.

— Quem é?

— Carolina. Era o que eu precisava resolver.

— E resolveu?

Leo negou com a cabeça, lacônico. Passaram por baixo da ponte 25 de Abril e não falaram mais nada até chegarem à casa do escritor. Leo desceu do táxi, pegou a chave e tentou acertar a fechadura. David teve que pagar a corrida, embora não tivesse sido ele a mostrar a carteira ao taxista. Quando entraram, tudo estava sujo e desarrumado. David ajudou Leo a se despir e o meteu entre os lençóis revoltos da cama.

— Obrigado, David. E me desculpe.

— Não tem problema — repetiu David.

Leo adormeceu quase imediatamente. David procurou o quarto de hóspedes. O dormitório que ele recordava tão impecável era agora uma bagunça total. Acabou pegando uma manta e desabando no sofá. Seu estômago rugia. Não tinha jantado. Pensou em se levantar e assaltar a geladeira, mas, tendo visto o estado do apartamento, o da geladeira não seria melhor. Antes de fechar os olhos, perguntou-se por que não era o agente de Leo que aguentava essas situações. Afinal, ganhava comissão sobre as vendas.

David acordou com as costas estalando e doloridas. Levantou-se do sofá e procurou Leo pela casa. Outra vez, o escritor havia desaparecido. Ligou para ele e o celular tocou no criado-mudo. Sentou-se e pensou no que fazer. Havia duas chamadas perdidas de Silvia. Lembrou então que seu voo havia saído aquela manhã sem ele. Tinha se esquecido de telefonar a ela para dizer que não tinha pego o avião, de modo que sua mulher deve ter esperado em vão no desembarque. Praguejou baixinho. Era melhor voltar com um bom presente, que pudesse amortecer a discussão que sem dúvida teriam. Inclinou-se até tocar os pés e sentiu um rangido escapar de suas vértebras.

Nesse momento, Leo entrou. A fisionomia dele parecia melhor. Não tinha feito a barba, mas tinha tomado um banho e a cor voltara ao seu rosto. A manchinha roxa na bochecha era uma lembrança da conversa com Carolina. Aproximou-se de David e não soube o que dizer. Produziu-se um momento incômodo entre os dois. David não sabia se ficava feliz por ele estar melhor ou se dava uma bronca pela noite passada. Por fim, foi Leo quem quebrou o silêncio.

— Vamos tomar café?

Os dois caminharam pelas ruas residenciais do bairro e chegaram às velhas vias sulcadas pelos trilhos do bonde. Era uma manhã ensolarada, e muitos casais, em seu trajeto até as padarias, aproveitavam para curtir os raios do sol. Passaram pela porta do restaurante onde deveriam ter jantado na noite anterior. David o apontou a Leo.

— Ah! — disse o escritor. — Ouvi falar muito bem desse lugar. É bom?

— O vinho branco é excelente — respondeu David.

Leo indicou uma cafeteria e os dois escolherem uma mesinha na calçada. Um garçom amável, que parecia conhecer Leo, trouxe dois cafés duplos e uma bandeja com pastéis de Belém.

— Foram feitos agora mesmo — explicou Leo. — Inês me trazia aqui todos os domingos.

Tomou um gole de café e ficou pensativo.

— O que aconteceu com vocês? — perguntou David.

— O problema fui eu, que sou um babaca. Passei dois meses enchendo o saco, até que ela foi embora. Fiquei insuportável. Ela me largou, mas não dei outra opção.

— Por causa do livro?

— Por causa do livro. A porcaria do livro. Primeiro disse a mim mesmo que não podia escrever porque ela não me deixava sossegado, e quando foi embora não conseguia escrever porque passava o dia pensando nela. Só mesmo sendo muito idiota, não?

— Você estava com bloqueio, só isso. Às vezes acontece.

— Comigo acontece.

— Com todos. Todos os escritores sofrem um bloqueio em algum momento. É muito comum.

— Quantos escritores você vai buscar em festas, David?

David não respondeu. Tomou um gole de café e mordiscou um pastel de Belém.

— Não consigo, David.

O editor puxou seu caderno verde e o colocou em cima da mesa com um sorriso. Abriu-o e pegou uma caneta.

— Estou ouvindo.

Conversaram longa e detalhadamente. Leo explicou a trama, aonde queria levar os personagens e as dificuldades que havia encontrado. Muitas coisas David já sabia, mas outras eram novas, resultado do bloqueio. Os escritores experientes sabiam que esses bloqueios duravam poucos dias, então eles relaxavam e estudavam o problema sob outro ângulo. Era necessário se dar um tempo, mas não muito, para não perder o ímpeto. Leo havia insistido muito em desatar um nó da trama, mas só conseguiu aumentar ainda mais o impasse. E, quando não conseguiu sair, jogou a culpa em sua companheira, em

sua editora, nas amizades, tudo aquilo em que deveria ter se apoiado para sair do atoleiro.

— Quando Inês foi embora, passei um mês péssimo. Já não conseguia escrever. Tentei de todas as formas: em casa, fora de casa, no computador, com caneta... inclusive me deram uma velha máquina de escrever, mas não teve jeito. Um amigo me disse que eu devia sair e arejar um pouco as ideias. Sabe como é, acabamos falando de mulheres. Então me convenci de que precisava estar com outra, para virar a página. Carolina e eu tínhamos flertado assim que cheguei a Lisboa, já faz tempo. Então tudo parecia mais simples, mas, você sabe, às vezes as coisas se complicam.

David sabia. Às vezes você se esquecia de avisar à sua mulher que não era preciso buscá-lo no aeroporto.

David leu para ele as anotações que havia feito no caderno e juntos traçaram novos caminhos para resolver os problemas. David pôde vislumbrar nos olhos de Leo aquele frenesi de quando a literatura o invadia e as ideias se atropelavam em sua cabeça, com pressa de sair dali. O garçom trouxe mais café e pastéis de Belém.

Por fim, Leo lhe fez a pergunta fatídica, aquela à qual David preferiria não ter que responder.

— O que acha, David? Acha que este romance é melhor do que *Deus de outono*?

David avaliou a resposta. Um bom editor não deve se limitar a dizer a verdade, mas também deve saber o que o autor precisa escutar.

— Acredito que, se você se esforçar, vai ter material para que este seja seu melhor romance. Mas as páginas não se preenchem sozinhas.

Leo ficou um momento em silêncio e sorriu.

— Obrigado. Eu precisava ouvir algo assim, é verdade.

David vislumbrou um brilho nos olhos dele.

— No final, tudo se reduz a isso, não? A escrever — disse Leo.

— É a única coisa com a qual você deve se preocupar. Não pense na publicação, nem nas traduções, nem nas vendas internacionais. Esses são problemas de outros. Quem se preocupa com isso somos eu e seu agente. Se concentre em encontrar o tempo e a calma para sentar e escrever. Para você, já é o bastante ter que lidar com isso.

— Cacete, quem dera que Inês estivesse aqui.

Tomaram outro gole de café e deram por encerrada a reunião. O garçom embrulhou os pastéis que sobraram e os entregou a David. Leo foi até o calçadão do porto e, com um movimento majestoso, como se fosse um atleta grego, lançou ao rio o caderno verde. Encarou um David surpreso e disse:

— Não vamos precisar mais dele. Está tudo aqui.

E tocou a têmpora com o dedo. Seu sorriso contagiou David, que soube então que sua missão estava cumprida.

Caminharam até a casa de Leo e, dali, pediram um táxi para levar David ao hotel. Despediram-se na porta com um abraço efusivo. David perguntou:

— Por que Lisboa, Leo? Por que não ficou na Espanha?

Leo pareceu buscar a resposta em seu íntimo, e, quando a encontrou, deixou-a sair como um suspiro.

— Passei umas férias com meus pais aqui, quando era pequeno, antes de eles se divorciarem. Na minha memória, foram os dias em que me senti mais feliz.

— Puxa... — conseguiu dizer David.

— É uma cidade mágica. Sabia que é quatrocentos anos mais antiga do que Roma?

— Não, não sabia.

O taxista buzinou. David entrou no carro, outra vez preto e verde-jade. Despediu-se com um aceno. Foi até o hotel onde não havia chegado a dormir. Antes de sair, deu uma olhada no espelho do banheiro e acendeu a luz para se ver melhor. Parecia cansado, com a barba por fazer e o cabelo sujo e oleoso. Muito mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Guardou no bolso do paletó um pente ainda envolto em plástico para se ajeitar a caminho do aeroporto da Portela. Pegou a mala, que mal havia aberto, e pagou a conta do hotel.

O painel do aeroporto mostrava que um voo partiria dentro de quinze minutos, mas não havia mais lugares. O seguinte sairia dali a três horas. David xingou baixinho. Devia ter feito a reserva antes de sair do hotel. Comprou a passagem e se sentou para esperar em uma das desconfortáveis poltronas sob as esculturas de tubos futuristas. Se soubesse, poderia ter ficado para almoçar com Leo e continuar falando sobre o livro. Mas uma pequena parte dele dizia que tudo

daria certo. Quem sabe talvez, dali a um ano e meio, *O clavicórdio* ocupasse alguma estante em uma livraria desse mesmo aeroporto? Pensou em uma maneira de aproveitar o tempo.

Pegou o celular e procurou na agenda. Esperou alguns segundos. Uma voz feminina atendeu.

— Alô?

— Olá, Inês, aqui é David Peralta, o editor do Leo.

2. Ácido fólico

Quando o avião decolou, com a luz da tarde ainda arrancando centelhas de prata das águas do Tejo, David se deu conta de que não tinha comprado um presente para Silvia. A conversa com Inês o tinha feito pensar em outras coisas e ele esqueceu a ideia. Xingou baixinho. Tentou cochilar durante o voo, mas a aeromoça não parava de despertá-lo oferecendo bebidas. Quando finalmente conseguiu, já estavam aterrissando em Barajas. Não teve tempo nem para abrir o invólucro do pente.

Ninguém estava à sua espera. Ele viu como todos, menos ele, tinham alguém a quem abraçar no desembarque. Claro que cada um, em algum momento de sua viagem, havia ligado para essa pessoa, que agora o esperava com um sorriso, e informado a hora de chegada do voo.

Depois de trinta minutos um táxi, desta vez branco com uma faixa vermelha, levou-o até sua casa, no bairro de Las Tablas. Sessenta e sete metros quadrados de drywall e piso em tábua corrida, com duzentos mil euros de hipoteca em vinte e cinco anos. Tirou os sapatos com os calcanhares e atacou a geladeira. Mal havia comido desde o café da manhã, e estava faminto. Silvia havia feito compras e a geladeira estava abastecida. Ainda mastigando restos de frango, dirigiu-se ao quarto deixando peças de roupa pelo corredor, como migalhas de pão.

Silvia tinha se encarregado de organizar o ambiente com a ajuda de sua irmã Helena, decoradora profissional. Havia conseguido mitigar a falta de espaço com a escolha de móveis e complementos adequados. David, encantado, dedicava-se a desfrutar desse apartamento pintado em cores claras. Sabia que a mulher e a cunhada usavam a arrumação da casa como desculpa para tomar café e escutar música folheando catálogos de decoração e falando de suas coisas, aquelas nas quais David não podia intervir por estar frequentemente viajando.